

MANUAIS de CULTURA MORAL

COLEÇÃO INAYAT KHAN

IV

A MOLESTIA, SUAS CAUSAS
E SUA CURA

TRADUÇÃO DO INGLÊS
PELO
PROF. JOÃO CABRAL

RIO DE JANEIRO

1941



A Moléstia, suas Causas
e sua Cura



MANUAIS DE CULTURA MORAL

Coleção INAYAT KHAN

IV

**A MOLESTIA, SUAS CAUSAS
E SUA CURA**

Tradução do Inglês
pelo prof. João Cabral

COEDITORA BRASÍLICA
(Cooperativa)

RIO DE JANEIRO

1941

A. LOPEZ

OBRAS DA MESMA COLEÇÃO
E DO MESMO AUTOR

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

- I — Formação do Caráter
- II — O Objetivo da Vida.
- III — A Saúde e sua Conservação
- IV — A Moléstia, suas Causas e sua Cura.

A SEGUIR:

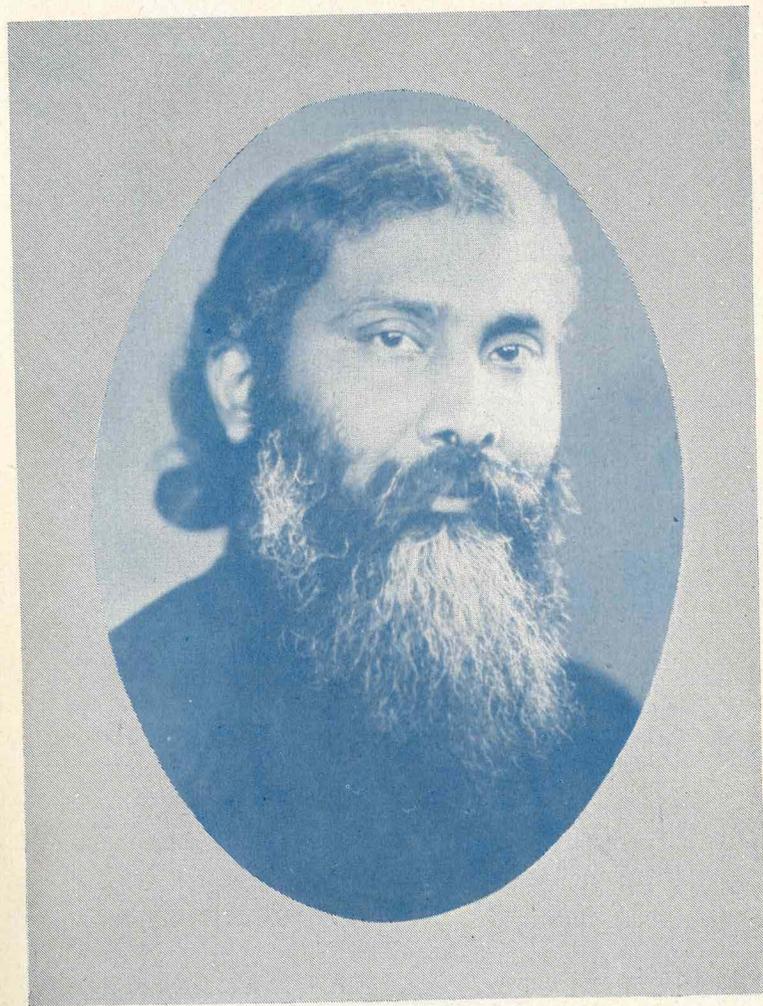
- V — A Educação
- VI — A Cultura Moral
- VII — O Mundo do Espírito
- VIII — A Vida Interior
- IX — As Artes
- X — A Linguagem Cósmica
- XI — O Misticismo do Som
- XII — A Filosofia
- XIII — A Alma, de onde vem e para onde vae
- XIV — O Caminho da Iluminação
- XV — O Jardim das Rosas
- XVI — A Unidade das Idéias Religiosas
- XVII — O Vadan, ou A Sinfonia Divina
- XVIII — O Gayan, ou a Música do Silêncio.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA
(cooperativa)

RUA DO SENADO, 65 — TEL. 42-3112

Rio de Janeiro



Inayat Khan

segundo uma das últimas fotografias

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Este novo livro por Inayat Khan faz par com o seu estudo anterior sobre "A Saúde e sua Conservação", recentemente publicado nesta série.

Os leitores acharão que este é uma investigação mais profunda das causas ocultas dos incomodos e moléstias do homem. Em virtude de sua penetrante visão, e íntima compreensão do organismo humano, se torna apto o autor para indicar muitos aspectos, psicológicos e psíquicos, tão bem quanto os puramente físicos, os quais indubitavelmente constituem a maioria das causas latentes de má saúde e indisposição.

E' de ainda maior interesse, porém, achar nesta obra que Inayat Khan também revela numerosos métodos práticos, de efetuar, como no Oriente se tem praticado com sucesso, curas sem a intervenção de instrumentos cirúrgicos, drogas, ou medicamentos clássicos.

Observa ele também que algumas pessoas são dotadas com uma abundância de magnética energia, que as torna curadoras naturais. Ainda mais, indivíduos normais, mesmo, podem desenvolver faculdades, que os tornam aptos para discernir obscuros sintomas e discordantes fatores, e dessa maneira contra-atacá-los antes que a moléstia deles resulte. Noutros casos, a percepção do psíquico pode habilitar o paciente a obter melhora e restabelecimento da saúde por meios simples e racionais.

Ademais, é possível ao indivíduo, que sofre, estudar ele mesmo seus próprios sintomas e renovar um padrão normal de saúde por métodos práticos de respiração e dieta, e pela adoção do ritmo e harmonia na rotina diária de atividade e repouso do corpo e da mente. A força de sugestão e as razões da prece efetiva são também claramente expostas.

Inayat Khan justifica nosso otimismo quanto a ser a saúde um direito inato do homem, e uma benção divina, que todos podem obter e gosar.

A série dos livros deste sábio, que estão sendo traduzidos no vernáculo pelo Professor João Cabral e editados pela "Coeditora Brasileira" nesta coleção dos "Manuais de Cultura Moral" tão bem iniciada, compreende, além dos

que já foram publicados, isto é, — "A Formação do Caráter", "O Objetivo da Vida", "A Saúde e sua Conservação", e o presente volume, os seguintes:

- 5) A Educação.
- 6) A Cultura Moral.
- 7) O Mundo do Espírito.
- 8) A Vida Interior.
- 9) As Artes.
- 10) A Linguagem Cósmica.
- 11) O Misticismo do Som.
- 12) A Filosofia.
- 13) A Alma, de onde vem e para onde vae.
- 14) O Caminho da Iluminação.
- 15) O Jardim das Rosas.
- 16) A Unidade das Idéias Religiosas.
- 17) O Vadan, ou A Sinfonia Divina.
- 18) O Gayan, ou A Música do Silêncio.

E', como se vê pelos títulos, uma pequena biblioteca moral, que edifica, instrue e conduz à felicidade e à paz.

Rio de Janeiro, Janeiro, 1941.

SHABAZ

INDICE

SECÇÃO I

OS ELEMENTOS DA CURA

1) *A Força Curativa*

| | |
|---|----|
| Capítulo I — A Cura | 13 |
| Capítulo II — O Repouso | 14 |
| Capítulo III — A Respiração | 15 |
| Capítulo IV — A Cura com as Pontas dos Dedos | 13 |
| Capítulo V — O Rastrear da Moléstia | 18 |
| Capítulo VI — A principal Razão de cada Mo- léstia | 20 |
| Capítulo VII — A Razão do Cansaço | 22 |
| Capítulo VIII — O Equilíbrio | 24 |
| Capítulo IX — A Dor | 25 |
| Capítulo X — A Cura por meio de Remédio | 27 |

2) *A Natureza psicológica das Moléstias*

| | |
|--|----|
| Capítulo I — As Causas | 29 |
| Capítulo II — A Força Magnética | 31 |
| Capítulo III — A Respiração | 33 |
| Capítulo IV — A Loucura e suas Causas | 34 |
| Capítulo V — A Perda de Memória | 36 |
| Capítulo VI — A Natureza psicológica da Cura | 37 |
| Capítulo VII — A Origem mental | 39 |

X

| | |
|--|----|
| Capítulo VIII — O Alimento e a Vida | 40 |
| Capítulo IX — O Temperamento nervoso | 42 |
| Capítulo X — A Luz divina | 43 |

3) *O Desenvolvimento da Força Curativa*

| | |
|---|----|
| Capítulo I — A Respiração | 44 |
| Capítulo II — A Purificação | 45 |
| Capítulo III — O Ritmo | 47 |
| Capítulo IV — A Força da Respiração | 49 |
| Capítulo V — Uma Causa comum de todas as Moléstias | 51 |
| Capítulo VI — O Desenvolvimento da Força nas Pontas dos Dedos | 53 |
| Capítulo VII — A Força da Presença | 55 |
| Capítulo VIII — O Poder da Mente | 56 |
| Capítulo IX — A Força de Concentração | 57 |
| Capítulo X — A Transmissão da Força a Distancia | 59 |

4) *Aplicação da Força Curativa*

| | |
|--|----|
| Capítulo I — A Cura por Amuletos | 61 |
| Capítulo II — A Agua magnetizada | 62 |
| Capítulo III — A Cura pela Respiração | 64 |
| Capítulo IV — A Cura por meio de Passes magnéticos | 67 |
| Capítulo V — A Cura pelo Toque | 67 |
| Capítulo VI — A Cura pelo Olhar | 68 |
| Capítulo VII — A Cura por Sugestão | 70 |
| Capítulo VIII — A Cura pela Presença | 72 |
| Capítulo IX — A Cura pela Oração | 73 |
| Capítulo X — A Cura do Ausente | 75 |

SECÇÃO II

OS MODOS DA CURA

| | |
|---------------------------------------|----|
| Capítulo I — A Cura natural | 81 |
| Capítulo II — A Cura física | 86 |
| Capítulo III — A Cura mental | 89 |
| Capítulo IV — A Cura espiritual | 91 |
| Capítulo V — A Cura abstrata | 92 |

SECÇÃO I

OS ELEMENTOS DA CURA

1) A FORÇA CURATIVA

I

A CURA

A Saúde é dependente do equilíbrio de atividade e repouso dos cinco sentidos: vista, olfato, ouvido, paladar e tacto; e cada sentido, em estado normal de saúde, deve estar apto a expressar-se e a corresponder. Mais tempo é necessário para descanso dos sentidos do que para sua atividade. Os místicos, portanto, procuram o isolamento afim de proporcionarem aos sentidos uma ocasião de repouso, que é diferente em cada homem. Cada um passa todos os momentos do seu estado não dormiente, com os sentidos em atividade, uma parte intencionalmente, outra parte acidentalmente. Por exemplo, os olhos olham para as coisas quando estão desejosos de assim proceder, uma centena de vezes por dia, mas novecentas vezes olham para

as coisas sem intenção. Isto mostra um desperdício de energia, na vida média de um homem.

Afim de desenvolver a força curativa, se deve regular o controle dos sentidos, regulando sua atividade e repouso; e isto, feito com um pensamento espiritual, converte o poder da mente em força divina. Uma pessoa, só com o poder da mente, pode curar; os resultados, porém, serão limitados. Todavia, uma pessoa com a força divina pode obter, mediante ela, resultados ilimitados.

II

O REPOUSO

O quanto de atividade se pode sustentar, e o quanto de repouso é necessário, depende do estado da saúde; uma regra geral não se pode estabelecer para cada pessoa. Uma soma normal de atividade estimula e fortalece o corpo. Os exercícios físicos, portanto, são feitos para o desenvolvimento físico, e os exercícios de concentração e estudos são feitos para o desenvolvimento e repouso da mente. De acôrdo com a lei física, o dia é natural para a atividade, e a noite, para o repouso; e, quando isto não é pra-

ticado, trabalha naturalmente contra a saúde. Não é necessário que, depois de cada pequeno exercício, deva a pessoa repousar, mas um grau de equilíbrio deve ser nisso mantido; e aconselhavel, na vida, é repousar de modo a não permitir que o repouso se desenvolva em preguiça.

III

A RESPIRAÇÃO

A respiração é a primeira força essencial, que pode ajudar na cura. Há uma cura silenciosa, uma cura focalizando-se o olhar, seguindo-se com os dedos a parte doente, esfregando-se, passando a mão sobre a parte doente, e tocando e não tocando a parte; mas, atrás destas diferentes maneiras, há uma força operando, que é a força da respiração. A força pode ser desenvolvida pelas práticas de respirar, e quando a respiração se acha tão desenvolvida que forma uma atmosfera ao redor do curador, então a só presença do curador cura. A força da respiração pode ser desenvolvida pelos exercícios físicos, pelos exercícios rítmicos da respiração, por uma vida pura, e pela concentração.

A força curativa é maior do que a força dos canais, que se usam para curar, tais como as pontas dos dedos ou os olhos. Os olhos têm maior força do que as pontas dos dedos. São eles mais finos, e a força, que através deles se manifesta, é radiante, enquanto que, nas pontas dos dedos, não é tão radiante. Mas, além da força curativa, deve a pessoa ter uma idéia clara de perceber o padecimento de outra pessoa, e conhecer qual seria a melhor maneira de curar essa pessoa.

IV

A CURA COM AS PONTAS DOS DEDOS

A higiene é o primeiro assunto a considerar na cura com as pontas dos dedos. As mãos, que se tenham ocupado em qualquer trabalho, ou se tenham sujado com qualquer líquido, devem ser lavadas para o tratamento. Deve o curador primeiramente observar as regras de higiene, mantendo o seu corpo, assim como seus vestidos, puros e limpos; especialmente ao tempo do tratamento, deve êle estar absolutamente livre de tudo que fôr anti-higiênico. As mangas, ao tempo do tratamento, devem estar arregaçadas, e as unhas, aparadas e limpas. Depois do

tratamento, deve se fazer movimento com a mão, como si a estivesse agitando, para expulsar quaisquer finos átomos, ou mesmo vibrações, de modo que um veneno apanhado da parte doente do enfermo não possa, de novo, a este ser conduzido.

Há casos, em que a sensação do corpo está morta pelo sofrimento, e o sofrimento sumiu-se nas profundezas da parte afetada do corpo. Em tais casos, passar a mão, ou tocar, não é bastante, é necessário esfregar. Quando se tratar dos efeitos de picada venenosa de abelha ou escorpião, ou de mordedura de cobra, ou de qualquer outro animal peçonhento, um simples e leve toque ou passe na parte afetada é necessária; si a dôr fôr mais intensa não será preciso o toque, mas simplesmente o passar da mão perto da parte afetada.

Si o caso fôr de mordedura de um cão danado, deve se pôr um pouco de cal misturado com água sobre uma moeda de cobre, e amarrá-la sobre a parte ofendida pelos dentes, e o resto da parte afetada deve ser tratada tocando-se e passando-se na mesma as pontas dos dedos.

Picadas de mosquitos e besouros podem curar-se aplicando-se manteiga, que haja sido

fervida e deixada esfriar, e depois passando a mão sobre a parte afetada.

Deve-se usar água de rosa para mordeduras de toda espécie, caso haja grave inflamação.

V

O RASTREJAR DA MOLÉSTIA

O trabalho do curador em seguir o rastro da moléstia é mais sutil do que curar; porque a força psíquica é necessária na cura, mas de nada serve no seguir o rastro da moléstia, sua natureza, sua causa, seu segredo; o que é preciso é inspiração; e um curador sem isto é um curador incompleto.

O doente, em geral, não conhece a verdadeira causa, a natureza, o segredo de seu incommo. Supõe-se que não conheça; por que o paciente conhece o efeito do veneno, e não suas causas, sua natureza, seu segredo. O curador deve seguir o rastro da moléstia do paciente pelo seu rosto, pela sua expressão, pela sua voz, pelo seu trabalho e movimento; tudo isto fala. Às vezes, deve o curador descobrir a causa perguntando ao paciente os detalhes acerca do seu mal, das condições da vida do paciente, conhe-

cendo a atitude que toma este deante das coisas, e conhecendo as suas inclinações.

O segredo da moléstia poderia ser também pesquisado vendo-se o que a pessoa deseja em matéria de alimento e vestido, e em que sítios ela prefere estar; e que atitude toma para com seus amigos e inimigos; sua escolha de doces e temperos; sua atração para as côres. Por exemplo, uma pessoa com um sofrimento originado de melancolia terá inclinação para o tom púrpura; outra que tenha perdido o controle sobre suas paixões mostrar-se-á inclinada para a paixão, e geralmente se inclinará para o vermelho; uma pessoa sem vida, que tenha inclinação para o vasio, haverá tendência para o branco; outra, que tenha caído em tristeza e sinta nojo das coisas, e de coração enfraquecido por isso, terá inclinação para o preto. Assim é com doces e temperos: o paciente, que mostrar inclinação para os doces, mostrará fraqueza de coração, e daí fraqueza geral; e aquele, que mostrar inclinação para os temperos, falta de circulação.

Há muitas coisas no doente, que se pode perceber, não somente por suas inclinações, como também observando-se-lhe o rosto e a aparência; pois que, por este meio, se lê melhor do que por outro qualquer. A aparência diz as suas características, e a pessoa, portanto, co-

nhece a fraqueza, que deve ter sido a origem da sua enfermidade, e a expressão geral mostra o pensamento debaixo dela. Desde que a mente é a causa das causas, o curador põe a mão na raiz da moléstia, assim que toca na mente do enfermo. Tão verdadeiro é o dito — o rosto do homem é o espelho do seu coração.

VI

A PRINCIPAL RAZÃO DE CADA
MOLÉSTIA

Há, de acôrdo com este místico ponto de vista, uma razão principal, que pode ser chamada uma causa comum, da qual se derivam todas as moléstias, e que é a desordem ritmica.

Os cientistas apontam principalmente o esgotamento dos nervos como a origem de todas as moléstias mentais, e seu efeito sobre o corpo diferentes moléstias produz no corpo.

As pessoas religiosas aconselham a concentração e a meditação, assentes numa atitude cheia de contrição. Atrás de tudo isto, a sabedoria, isto é: Trazer a um estado normal de atividade a mente e o corpo. Porque é o natural da atividade tornar-se a cada momento mais ativa; pois que a atividade mesma é que pro-

duz energia, e a consequência é que, produzindo assim energia, sua própria força a impele para fora de seu ritmo normal.

Pode-se ver isto no queimar do fogo. A atividade é pequena ao começar; a cada instante do seu aumento, a sua atividade cresce, e culmina afinal em sua maior velocidade. E a rapidez do começo comparada com a rapidez do fim provará que foi o aumento da rapidez do fogo que o elevou ao cúmulo, quando se consumiu. A natureza humana apresenta a mesma tendência. Quando falamos, somos inclinados a falar mais e mais rapidamente, até que a velocidade aumenta de tal modo que deixamos de pronunciar, sem a menor intenção de fazê-lo, várias palavras da sentença. Assim é no andar; a velocidade da marcha aumenta a cada passo até que a pessoa se acha quasi a correr. Assim é com a imaginação. E, talvez, se veja a mesma coisa com a pulsação do corpo e a circulação do sangue. O aumento sem controle da velocidade, em todos os seus aspectos, apressa o climax, e, quando não equilibrado, culmina em desastrosos resultados.

Um curador sem este conhecimento é um cego curador, que não sabe a causa das moléstias, suas curas se dão por acaso; mas aquele que isso conhece é mais do que um médico e

mais do que um curador. Controlará a própria atividade, e a força de controle assim ganha habilitá-lo-á a controlar a atividade dos outros, afim de mantê-la normal, e nisso está a verdadeira saúde da mente e do corpo.

VII

A RAZÃO DO CANSAÇO

O cansaço é devido a três razões: a primeira é a perda de energia, mas, além desta, o excesso de atividade mental e física. Geralmente, sabemos ser causado o cansaço pelo excesso de atividade corporal, mas estamos prontos a não considerar o fato de que também o excesso de atividade mental causa fadiga. A atividade que, especialmente causa cansaço é o vexame, o medo, a ansiedade e a dor. Mas, além disto, há uma causa mental que permanece ainda menos observável, e que é o pensamento de estar cansado. Entre centenas de casos de pessoas cansadas, achareis noventa casos desta espécie particular de cansaço.

Quando uma pessoa pensa: "Estou cansado", a simples idéia crêa o sentimento de cansaço em suporte da idéia, e a razão traz para

a frente mil razões, que parece terem causado o cansaço.

Algumas pessoas há, que pensam ficarem cansados com a presença de gente, ou de alguma pessoa; pensam outras que sua energia, sua vida, é comida por alguém; outras, que uma ação particular lhes tira a energia; ainda outras pensam que sua força lhes é tomada pelo dever quotidiano, da vida, ou pelo trabalho que lhe acontece fazer, tal como cantar, falar, fazer trabalho corporal ou mental; e, naturalmente, assim pensando, o experimentam.

Vendo as coisas pelo lado verdadeiro, não há dúvida que toda espécie de atividade alguma energia, mais ou menos, deve tirar da pessoa. Mas, pelo pensamento, se alimenta a perda; preservando a energia, e usando-a economicamente, a pessoa consegue poupá-la grandemente. Existe um processo, um método espiritual, pelo qual se pode gastar a energia em toda atividade que demande gasto de energia, mas, ao mesmo tempo, muito mais energia do que a que se perde, se pode absorver da vida, ou dentro, ou fora, ao redor ou próximo da pessoa. E' por esta razão que a religião formou o conceito de Deus como Onipotente. Aquele que O considera como estando lá ao longe, no Céu, se conserva longe d'Ele, mas aquele que bem

entende o significado do ensinamento na Bíblia, de que "Nós vivemos e movemos-nos e temos nossa existência em Deus", esses O sentem a todo tempo ao seu lado. Quando a consciência da riqueza faz uma pessoa sentir-se rica, e quando a consciência da força faz uma pessoa sentir-se forte, quão mais forte e rica sentir-se-á aquela que é, na realidade, conciente de Deus!

VIII

O EQUILÍBRIO

Um curador encontra às vezes doentes, cujos males podem ser diversos, e entretanto muitos deles se originaram da falta de equilíbrio.

O equilíbrio é a coisa mais difícil de manter-se na vida, para quem quer que seja. Muitas vezes, um curador é bem sucedido na cura de um enfermo precisamente por mostrar-lhe algumas práticas, por meio das quais pode este obter o equilíbrio. Isto, além da cura, produz o mais desejável efeito.

Consegue-se o equilíbrio por diferentes meios, até em ações ordinárias, tais como no

sentar-se, deitar-se, estar de pé, e andar; ficando em pé, mesmo com a força feita por ambas as pernas, sentando-se com as pernas cruzadas, ou sobre os joelhos, em ambos os casos suportando igual peso do corpo, assim como ajoelhando-se, andando ritmicamente, mesmo com a força despendida com o mover de ambos os braços, também pela regularidade no comer e beber, no trabalhar e descansar, dormir e levantar-se, a pessoa consegue o equilíbrio; e a primeira coisa que um curador deve considerar quando tratar um doente é que lhe deve dar equilíbrio.

IX

A DOR

A dôr tem duas origens: a mente e o corpo. Uma vez é causada pela mente e mantida pelo corpo, e outras vezes é causada pelo corpo e mantida pela mente. Si a pessoa estivesse ausente ou não partilhasse a dôr sugerida pela outra parte do ser, a dôr não existiria, e si existisse desapareceria.

Sendo o corpo servo da mente, nunca pode recusar de sofrer a dôr produzida pela mente, não tendo livre arbítrio a esse respeito; a mente

só é que pode recusar, si treinada fôr para assim fazer.

A doutrina, que algumas pessoas têm, de que tal coisa, como a dôr, não existe, auxilia muito no treino da mente, embora sua verdade possa contestar-se. Si é verdade que tal coisa, como a dôr, não existe, só o pode ser no sentido de que tudo neste mundo é ilusão, não tem nenhuma existência por si mesmo, não existe na realidade, comparado com a última realidade, que existe. Quando, porém, diz a pessoa que é sómente a dôr que não existe, mas existe a alegria e todas as outras coisas existem, está ela então em erro.

Os derviches têm ensaiado tornarem-se resistentes à prova de dôr, infligindo-se, a si mesmos, cruéis injúrias, tais como chicotear-se com os próprios braços, ou cortar-se os músculos do corpo, ou atravessá-los com facas, ou tirar os olhos das órbitas e recolocá-los nas órbitas outra vez, do que tenho sido testemunha ocular. Com isso, têm eles descoberto uma verdade e a têm oferecido ao mundo pensante, que a mente pode recusar-se a partilhar a dôr corporal, e, fazendo assim, a dôr corporal muito menos sentida se torna do que, de outra forma, o seria; quando a mente se adeanta para receber a dôr corporal, afora o medo ou a pena de

si mesmo, aumenta a dôr e a faz muito maior do que, de outra forma, ela o seria. As propriedades, que o medo ou a pena de si mesmo adicionam à dôr, são noventa e cinco por cem. E a primeira coisa, que o curador deve fazer ao tratar doentes atormentados por dôres, é apagar a dôr da superfície da mente do enfermo, pela sugestão, usando também a sua força curativa. E, na ausência de auxílio da parte da mente, o corpo deve deixar de sentir dôr, porque não tem força alguma para mantê-la por mais tempo, na ausência da mente.

X

A CURA POR MEIO DE REMEDIO

Muitas vezes acontece que um curador, ou um crente na cura, chega a tal extremo que não aceita a cura por meio de remédio. Falando a verdade, a idéia de ser prescrito o remédio por um doutor, e a idéia de repetir a prescrição tantas vezes por dia, aparte a sua influência medicinal, é psicologicamente auxiliadora, e os curadores do Oriente, considerando isto, hão representado, na sua vida, uma parte de médico, também. Com a sua força curativa, espiritual, psíquica, e magnética, usando a própria suges-

tão hipnótica e influência mesmérica, davam ao paciente alguma coisa a comer, ou a beber, em forma de remédio. Umhas vezes, lhes davam um amuleto para trazerem consigo, e outras vezes uma água magnetizada. A razão é que o homem é mais conciente do mundo objetivo, e de sua atividade, do que de outro qualquer plano de existência, e, comendo ou bebendo, ou conservando em seu poder certa coisa, a impressão sobre ele se torna mais realística. O pensar do curador, que aliviaria a mente, é por vezes embaraçado quando os sentidos externos do enfermo não se acham em plena correspondência com ele; quando, porém, o enfermo come e bebe alguma coisa, ou prova alguma coisa, ou sente alguma coisa, aplicada à, ou tocando a parte doente, o sentido, ou os sentidos se tornam o *medium* para o pensamento do curador prosseguir através deles e, assim, alcançar a mente do enfermo.

O conhecimento do *medium* físico é o mais essencial ao curador, porque toda operação psíquica requer um *medium*, e, através de um *medium* distinto e susceptível, o trabalho psíquico alcança bom resultado.

2) A NATUREZA PSICOLOGICA DAS MOLÉSTIAS

I

AS CAUSAS

A natureza psicológica das moléstias pode ser explicada em poucas palavras como sendo a falta de vida, ou por falta de matéria suficiente no corpo ou por excesso de matéria, que não deixe margem alguma para o espírito; ao lado disso, está a impressão do sofrimento, de que a mente se apodera. Há causas físicas; mas logo que a mente conhece o desconforto, antes de senti-lo, se apodera dele; e a isso é que chamamos sofrimento.

Por vezes a moléstia é causada pela falta de ritmo, seja no pensamento, ou no sentimento, na respiração, na ação, ou na vida quotidiana da pessoa. Por exemplo, ficar de pé à noite, quando se está acostumado a dormir, mudar a

hora do jantar, tomar uma soneca fora do costume, põe a pessoa fora do ritmo.

As pessoas que se acostumam a zangar-se ou a questionar, se não lhes é permitido fazer isso, ficarão doentes.

Conta-se na India a história de uma pessoa, que não poderia guardar segredo algum, e foi compelida a ficar em silêncio; afinal, ficou doente, e o médico, para curá-la, teve de permitir-lhe que contasse o segredo. Tudo isto significa ritmo; todo hábito forma um ritmo.

O temor de apanhar uma doença é também causa de enfermidade.

Há pessoas, que anseiam por ficar doente, e tentam achar em si alguma coisa que não esteja bem. Umaz gozam com o lamentar-se, ou com ser objeto da simpatia das demais; e isso atrai doença. Outras entretêm a doença quando se acham até certo ponto passando mal. Desejam cercar-se de um ambiente de enfermo, ou tentam ficar numa vida ociosa. Fazendo isso, é natural que a mente conserve a moléstia por mais tempo, tanto quanto lhe seja permitido fazê-lo.

Há muitas outras causas. Entre elas a mais desafortunada é a impressão de que, "apanhei uma doença incurável", porque esta impressão é pior do que uma doença. De fato, a alma de

cada indivíduo, são ou enfermo, é escorreita de qualquer sofrimento ou moléstia, e constantemente curando está a mente e o corpo; e, não fosse pela mente e pelo corpo, que engendram a moléstia, a pessoa estaria sempre bem. O natural é estar de bôa saúde; e toda moléstia, sofrimento, e desconforto é contra o natural.

II

A FORÇA MAGNETICA

A saúde, tanto a mental como a do corpo, está na dependência da força magnética, em termos da metafísica, — a força de afinidade entre os elementos e os átomos. Ela pode ser figurada como os grãos de arroz dispersos, que se uniram por serem atraídos uns aos outros; e esta força é a que os atrai e os conforma de certa maneira. A mente e o corpo, ambos são feitos de átomos; a primeira, de átomos mentais, o segundo, de átomos físicos; e a força, que os reúne, e deles faz um corpo, ou uma mente, é a força magnética.

A falta desta força causa todo sofrimento, desconforto e moléstia; e o desenvolvimento desta força garante a saúde do corpo e da mente. Por físicos processos, se desenvolve esta

força no corpo, e, por meio de exercícios mentais, a mesma força prospera na mente.

Vê-se geralmente que o enfermo perde, até certo ponto, o seu magnetismo. Uma pessoa de boa saúde procura, às vezes, escapar-se da presença da que está enferma. É natural, porque há magnetismo na pessoa, para a qual a humanidade é atraída, e a falta de magnetismo causa repulsão. Isto explica também o motivo da atração dos jovens e das crianças, embora na infância não esteja desenvolvido este magnetismo. Sente-se a falta deste na idade, pela mesma razão. Na linguagem dos Sufis, este magnetismo se chama *Kuati Maknatis*; e brota de cada átomo: físico ou mental. Pode ser chamado força ou energia. É uma riqueza; e, si uma pessoa pode gosar a riqueza por mais tempo, si fôr cuidadosa com ela, e outra pode gastá-la impensadamente, segundo sua fantasia, assim faz o homem com esse magnetismo. Ou atrai outros, ou é atraído para outros. Num caso, tem a melhor posição, noutro caso, perde. O homem em qualquer estado de sua evolução, em qualquer disposição, em qualquer condição de vida, precisa mais desse magnetismo do que de todas as coisas; porque a saúde, que é o mais valioso dos dons na vida, grandemente depende do magnetismo.

III

A RESPIRAÇÃO

Em Sânscrito, respiração se chama *prana*, que significa vida. Este prana dá vida, não somente à própria pessoa, como também a outrem. Umavez a presença de alguém vos enche de vida, e outras vezes a presença de alguém, por assim dizer, retira de vós a vossa vida. Sente-se uma pessoa cansada e deprimida e devorada pela presença de outrem; e a presença de uma outra pessoa adiciona força, vida, vigor. Tudo isto se leva em conta pelo motivo da respiração. Aquele, que mais vida tem, dá vida, aquele, que tem menos vida, toma-a do que tem mais. Também existe, porém, um processo contrário. Às vezes, o mais forte arrebatava a pouca vida que resta no mais fraco, e às vezes o mais fraco dá sua vida ao mais forte. Uma pessoa, que tira à distância a vida, absorve, de fato, a vida de outra. Na presença de tal pessoa, mesmo as flores murcham mais depressa e as plantas morrem.

Muitas mortes ocorrem, e muitas vidas são retidas pelos fenômenos da respiração. Para o curador, portanto, não há maior fonte de cura do que os meios da respiração. Ele pode soprar

a parte afetada do enfermo, tão facilmente como se lança o olhar sobre uma parte doente. Até alimentos e objetos, que o sopro do curador tenha magnetizado, carregam consigo a força curativa.

Si o toque faz um certo efeito de perspiração, e o passar dos dedos sobre uma coisa, porque não poderia a respiração, a própria essência de vida, viver num objeto e dar a um objeto alguma parte mais valiosa de vida, que poderia nele produzir um efeito de cura possivelmente maior do que o do remédio.

Quando a respiração está desenvolvida e purificada, não é necessário ao curador nem mesmo fazer um esforço para soprar o enfermo, mas a atmosfera que sua respiração crêa, a mera presença do curador completa a cura, porque a atmosfera toda se torna carregada de magnetismo.

IV

A LOUCURA E SUAS CAUSAS

Há, sem dúvida, muitas causas físicas de vários aspectos de loucura, mas um estudo penetrante do assunto provará o fato de ser a loucura mais das vezes devida a causas mentais.

Uma falta de equilíbrio, causada pela intensidade ou excesso de um certo pensamento e sentimento, encontra-se à raiz de toda causa de loucura. O médico deixa de curar tais casos, especialmente o que procura a causa da loucura entre as suas manifestações externas e no corpo físico.

Toda causa tem um efeito externo, e entretanto é um erro tomar o efeito pela causa. Geralmente, não é, portanto, um remédio, ou mesmo operações cirúrgicas, ou qualquer aplicação externa, que pode ser de grande utilidade. E' mais a obra de um curador, antes que de um médico, o tratamento da loucura. Como toda moléstia, a loucura poderia ser facilmente curada em seu estado inicial, e cabe ainda ao curador reconhecer os sinais de loucura em seu estado primário; porque tais sinais, ordinariamente, não são notados, passam como "alguma coisa engraçada" acerca da pessoa, ou "exquisita". O primeiro passo no tratamento da loucura é apanhar a raiz do mal por associação com o assunto; e, logo que se toca na raiz do mal, um grande alívio já se apresenta, antes mesmo da cura. Naturalmente, sendo a loucura uma enfermidade mental, só a força do pensamento é o remédio para a sua cura.

V

A PERDA DE MEMORIA

A perda de memória, a confusão, o embaraço, a raiva instantânea e a paixão, todos estes são sinais do começo de loucura. Herda-se a loucura da família, mas se pode buscar-lhe o rastro em várias fraquezas e vícios, entre estes, a bebida e a paixão por drogas, e os hábitos contra a natureza, o exagerado vexame, ansiedade, e o deixar que se desenvolvam no caráter pensamentos de melancolia, são todas estas coisas que causam a loucura.

O trabalho do curador é primeiramente apanhar a causa primária da loucura, e essa é a perda de memória. O enfraquecimento mental é que a ocasiona. A mente não tem suficiente força para levar avante o pensamento a ela confiado pela vontade. E' isto que se pode chamar perda de memória, e deve ser tratada e curada logo no começo. E o estado primário é a extrema atividade mental, que resulta numa extrema e impensada indignação, ou paixão; depois, quando a crise passa, vem o arrependimento. Isto poderia ser evitado ao começo. A consciência culpada, o terror das consequências, as tendências para a dúvida, todas essas coisas

são como lenha para o fogo da loucura. Uma vida pura, agradecida, util, um pensamento constante de apreciar as coisas, e afastar as coisas, as pessoas e os estados censuráveis, tudo isto ajuda a expulsar o germen da loucura.

VI

A NATUREZA PSICOLOGICA DA CURA

Há uma parte da vida de uma pessoa, que poderia, somente ela, chamar-se vida, nenhum outro nome existe apropriado para ela, e a frase inglesa — "Carregar consigo mesmo", significa pôr aquela parte da vida em trabalho. Esta parte da vida pode ser chamada espírito, e, em si mesma, é inteligência e força. E' inteligência porque qualquer parte do corpo e da mente, ou qualquer parte de ambos, em que more o espírito, ele a faz sensitiva; e é poderoso porque, seja qual fôr a parte do corpo e da mente, que ele toque, ele a fortalece.

Nos jogos e esportes, quando as pessoas se atiram de uma grande altura, que é que as protege de molestarem-se? E' esse espírito, e elas adquiriram o hábito de chamar esse espírito em seu auxílio. Quando atiram bolas, um ao outro, e até no box, o que recebe o sôco desperta esse

espírito na parte atingida. Não sabe o "sport-man" o que é esse espírito, e no entanto nele busca refúgio. O místico, por sua meditação, compreende-o, e também pelas pesquisas metafísicas. Quando a pessoa desperta de um pesado sono, a primeira coisa, que se oferece através da sua mente, ao seu corpo; quando chega a tendência para a distensão e a contração, para as flexões, e para o abrir dos olhos, — ao que chamamos espreguiçar-se — é esse mesmo espírito, que surge e se difunde, por assim dizer.

Pelo domínio desse espírito, se curam as moléstias, a idade se governa, até a morte é conquistada. Quando esse espírito falta, falta a energia, a inteligência, a alegria, o socêgo; e quando esse espírito existe, existe a esperança, existe a alegria, existe o socêgo; porque a natureza desse espírito é manter intacto o corpo dos átomos e vibrações. O conforto repousa na sua manutenção; o desconforto, no ser o espírito insuficiente para manter o corpo intacto. Por conseguinte, a falta desse espírito, em muitos casos, é que ocasiona grande cópia de moléstias. O curador, pelo desenvolvimento desse espírito em si mesmo, pode dar uma parte do seu espírito a outrem, e isto se torna a melhor fonte de cura.

VII

A ORIGEM MENTAL

Quase toda moléstia se origina da mente, mesmo quando se apanha moléstia infecciosa. Isto não quer dizer que em todos os casos deva existir vício da mente; si assim fosse, a gente bôa nunca estaria doente; e, ainda, não pode ser esquecido que é a fraqueza da mente, de uma ou de outra maneira, que deixa entrar a moléstia. Além disto, há negligência, omissão, irregularidade, mental e física, ocasionadoras de moléstias.

A vida e a morte são duas forças, uma construtiva e a outra destrutiva; estas duas forças estão continuamente em luta; momentos há, em que vence uma força, e o sucesso de tal força é ou melhor saúde, ou moléstia, e morte. E' necessário, por isto, que o corpo esteja pronto e apto para travar essa batalha; cabe à mente, porém, desempenhar uma parte maior, e, quando a mente falha no desempenho da sua parte, o corpo, com toda a sua aptidão, é incapaz de reter a saúde. Mas, si fôr capaz a mente de manter a saúde, a ela obedecerá o corpo até uma grande extensão. E' necessário, ainda,

para sustentar a batalha da vida, que haja harmonia entre o corpo e a mente.

VIII

O ALIMENTO E A VIDA

E' o mistério da natureza que a vida vive da vida; assim é que todos os animais carnívoros vivem da carne de outro animal, e às vezes do seu próprio elemento. Isto mostra que a vida sustenta seu corpo com o mesmo elemento de que é feito. O corpo do homem é feito do alimento que ele come, e, de acôrdo com a vida existente no alimento, que ele come, é que a vida se transforma.

Os pequenos insetos, que vivem de flores, cream a beleza da flor em seu corpo. Insetos que se alimentam de folhas tornam-se às vezes de côr verde e belos como a folha, mas os que vivem na terra, na sujeira, têm corpo similar. Isto nos ensina que o corpo do homem depende do alimento, que ele come. Qualquer deterioração nos vegetais que ele come, e qualquer moléstia no animal, cuja carne ele usa, todos produzem efeito na saúde do homem.

Os Brahmanes, que têm sido o povo mais científico e filosófico do mundo, sempre consi-

deraram este assunto; e na raça dos Brahmanes sempre se encontram mentalidades inteligentes e superiores. No Oriente, conquanto se façam contínuas descobertas científicas, e se discuta sobre a vida higiênica, existe uma grande negligência em muita coisa de alimento, o que, em poucas palavras, pode ser explicado como falta do que se pode chamar vida doméstica. Muitos são obrigados a tomar seu alimento em logares públicos, onde é impossível que se preste uma especial consideração para este efeito.

Entre os animais, há uma diferença. Existem alguns animais limpos, outros sujos; e sua carne difere neste ponto, e tem grande influência sobre a saúde e a mente da pessoa.

A questão — que tem a mente a fazer com o alimento corporal? — pode ser assim respondida: como a bebida alcoólica produz efeito sobre a mente, assim, cada átomo de alimento produz particular efeito.

Há três espécies de alimentos: *Sattva*, que dá nutrição com calma e paz; depois vem *Rajas*, que dá estímulo para o trabalho e o movimento, e *Tammas*, que dá sono, preguiça, e confusão.

Um curador deve estar atento a todas as espécies de alimento, e a seus efeitos, de forma a receitar para o doente, e ver si o alimento é

a causa da moléstia, o que em tantos casos acontece, e manter-se num estado de poder ser capaz de curar com sucesso.

IX

TEMPERAMENTO NERVOSO

Há muita gente possivelmente chamada de temperamento nervoso, que tem uma tendência: si caminha, caminha depressa; si trabalha, trabalha atabalhoadamente; si conversa, fala rápido, tão rapidamente que despeja as palavras, e faz confuso o ouvinte; num momento, se apresenta calma, inclinada ao riso, ou a chorar facilmente. Tal estado oferece, de certo modo, uma espécie de alegria, mas enfraquece a pessoa, e lhe tira o auto-controle, o que, afinal, resulta em moléstias nervosas. Começa por indulgência na atividade, e acaba em fraqueza. Muitas moléstias nervosas são causadas por esse estado negativo da mente e do corpo. Desde a infância, há uma inclinação para isso, especialmente entre meninos de temperamento nervoso; e, si isto puder ser combatido desde esse tempo, um resultado seguro se obterá. Nenhuma doença pode ser pior do que uma fraqueza crescente de nervos, que é falta de auto-contro-

le; e a vida não vale ser vivida, quando se perde o controle sobre os próprios nervos.

X

A LUZ DIVINA

O homem é constituído não sómente de matéria, no seu ser, mas também de espírito. Embora possa ter um corpo bem construído, seu mecanismo em boas condições de funcionamento, existe ainda alguma coisa, de que ele precisa. Porque o corpo físico é sustentado pela comida e a bebida materiais, respira o ar, concebe pensamentos, imaginações e impressões; mas isto não é tudo, existe alguma coisa além da mente e do corpo, que o homem possui no seu ser, — a luz divina. E' por isto que a luz do sol faz a pessoa sentir-se clara; mas não é sómente a luz do sol que é precisa para o espírito. A alma do homem é como um planeta; e assim como o planeta é iluminado pelo sol, o espírito do homem é iluminado pela Luz de Deus. Na ausência desta, o homem, embora seja alegre e alegre possa parecer, não está verdadeiramente são. Ele deve ter um toque espiritual, uma abertura no coração, que deixa a Luz entrar, a Luz de Deus.

3) O DESENVOLVIMENTO DA FORÇA CURATIVA

I

A RESPIRAÇÃO

A respiração é a força principal, que se requer na cura. Todas as diferentes manifestações da corrente magnética, venha das pontas dos dedos, venha do olhar, ou dos poros do corpo, são manifestações indiretas da respiração. E' a fortaleza da respiração, que é força magnética em todas os seus diferentes aspectos. A fraqueza da respiração causa fraqueza da mente e do corpo, e a fortaleza da respiração é a fortaleza de ambos. Não pode sentir falta de energia e magnetismo a pessoa que tiver a respiração cheia de energia. Deve-se desenvolver, portanto, a força da respiração, antes de quaisquer outros meios.

Desenvolve-se a força da respiração por duas maneiras: ou fazendo-a extensiva, ou fa-

zendo-a intensiva. Depois disso, deve ser a respiração governada afim de poder ser dirigida para qualquer parte do corpo, que se deseja; e, em segundo logar, deve ela ser governada afim de poder ser dirigida para qualquer lado, na horizontal, para cima, para baixo, para a direita, ou para a esquerda. Assim como se torna uma pessoa senhora da pontaria, quando está apta para atirar em qualquer parte da mira, semelhantemente, deve assenhorear-se da respiração.

Há Yogis na India, que podem apagar uma luz à distância pela força da respiração; mas até o milagre de Tansen, que dizem ter acendido velas, pela força de seu canto, quando cantou o Dispak, nada mais pode ser do que a força da respiração, no seu mais completo desenvolvimento.

II

A PURIFICAÇÃO

A ciência tem sempre admitido e cada dia mais aprecia a importância da limpeza ao redor do paciente, e da parte do médico; e coisas de várias espécies têm sido usadas como desinfetante em muitos casos de moléstia. O curador,

que mais tem a haver com a mente, deve, entretanto, pensar quão importante é considerar a pureza da mente, para o seu objetivo, tanto quanto a do corpo. Sem dúvida, é difícil, depois de aprender a natureza das coisas, dizer o que é puro, e o que é impuro; e existe um meio de compreender que é pura, em si mesmo, cada coisa, e, quando outro elemento se mistura com ela, então, é ela poluída na sua pureza.

Um profundo pensamento nesta direção abriria um vasto campo de pensamento para um pensador.

Outro meio de compreender o puro e o impuro é que só existe uma coisa que mantém as coisas puras, — a vida; e desde que a vida as deixou, impuras são elas.

Um terceiro modo de ver esta matéria, é que a morte é impureza das coisas, mas a destruição é sua pureza. Isto abre também um vasto escopo de compreensão para um observador estudioso da vida.

Em resumo, é necessário para um curador observar as leis da vida higiênica, e manter-se, a si mesmo, partilhando os germens da moléstia do enfermo, que ele trata.

Além disso, todos os pensamentos de amargura, má vontade, indignação, ressentimento, ciúme, devem ser por ele evitados; sua mente

deve ser purificada de toda malícia, ou despeito, e banhada, por assim dizer, na devoção a Deus, de modo que seu coração possa ficar saturado de mercê e compaixão.

Não é só o poder da mente, que cura, mas a pureza da mente. Só a mente livre de toda perversidade, fraude, ou traição, é capaz de emitir força, enérgica e pura na sua natureza, a qual pode ao paciente dar uma vida nova, e aliviá-lo de todo sofrimento.

III

O RITMO

Do desenvolvimento da respiração, depende o desenvolvimento da força curativa. A respiração pode ser desenvolvida pela purificação, pela extensão, pela expansão, e pelo ritmo.

Há três diferentes sortes de ritmo na respiração: 1) o ritmo que não pode ser distinguido na continuação da inalação e exalação; 2) o ritmo que pode ser distinguido pelas duas distintas oscilações do inalar e exalar; 3) a igualdade na respiração. Aqueles que não governam sua respiração estão sob a influência desses três ritmos, sua saúde, seu estado mental, sua condição na vida; mas aqueles que go-

vernam a respiração, esses podem pôr sua respiração em qualquer desses três ritmos; e, quando se adquire o govêrno, então, o curador tem a chave para regular qualquer relógio.

Verdadeiramente falando, cada moléstia significa estar alguma coisa errada no ritmo. Quando, na linguagem do médico, se diz que na raiz do mal está a congestão, para um Sufi, congestão quer dizer falta de ritmo; pode ser falta de circulação, no respirar, na atividade, ou no repouso.

Um médico, para descobrir a moléstia, examina o pulso, os batimentos do coração, e as condições dos pulmões. Isto mesmo prova que o ritmo é o que mantém a saúde, e, quando alguma coisa está mal na saúde, o ritmo, de um modo ou de outro, tem andado mal, assim como, si o tique do relógio sae fora do ritmo, anda o relógio muito adeantado ou muito atrasado, não marca o tempo certo.

O curador, portanto, deve pôr o seu ritmo em ordem, para que possa estar apto a trabalhar o mecanismo do corpo de outra pessoa. Na India, há um costume de bater palmas ou tamborilar com os dedos quando alguém está bocejando. A idéia é que bocejar é o sinal de enfraquecimento do ritmo, é o ritmo do corpo da pessoa que decae para um andamento mais va-

garoso quando se sente ela inclinada ao sono, e o bater palmas e tamborilar com os dedos repõem a pulsação da outra pessoa no mesmo andamento anterior. E' precisamente como sacudir uma pessoa que está cochilando, para fazer voltar o mecanismo do seu corpo ao seu perfeito funcionamento.

Quando o curador é capaz de manter em mãos o seu próprio ritmo, tambem se torna capaz de fazer regular o ritmo de outra pessoa. Isso requer um grande conhecimento e inspiração a respeito da natureza da mente e do corpo humanos; e o tratador, que sabe como trabalhar com isso, assimilha-se ao regente na orquestra. De toda pessoa que ele cura, mantém ele regular a saúde, como o regente mantém o ritmo de cada músico participante da orquestra.

IV

A FORÇA DA RESPIRAÇÃO

E' a força da respiração que cura o corpo e a mente, pois que a respiração é vida, é, atra-

vés da respiração, pode a vida comunicar-se à mente e ao corpo de um sujeito.

A respiração é também uma corda que abarca todos os seres humanos, conectando-os numa só vida.

Si não fosse a respiração, os sentidos nunca teriam percebido o mundo externo. Tudo, pois, que a gente vê, e cheira, sente, gosta e ouve é por via da respiração, e por conseguinte nenhum remédio pode ter influência tal sobre um doente, como a respiração.

A fraca respiração é susceptível a todas as moléstias contagiosas, e o curador com fraca respiração poderia apanhar a moléstia do seu cliente, durante o tratamento. Por conseguinte, a força da respiração é a coisa mais essencial antes de tentar-se uma cura.

A força da respiração pode ser desenvolvida em duas formas, volume e extensão; o que a faz intensiva e extensiva. E' perigoso tentar uma cura antes de estar a pessoa inteiramente segura da força da respiração em ambas as formas. Sente-se o desenvolvimento da força da respiração, e a pessoa sabe quando está pronta para usá-la.

V

UMA CAUSA COMUM DE TODAS AS MOLESTIAS

Todo sofrimento, desconforto, moléstia, decadência e destruição, de toda sorte, é falta de vida. A palavra vida, que usamos na linguagem quotidiana, é o nome do que resulta de duas atividades operando harmonicamente: uma, a vida constante do espírito, a outra, a vida, que a matéria proporciona para isso. E' uma atividade negativa e positiva. E' a energia da vida interior, que atrai a vida exterior para isso, e, de volta, a energia da vida externa, pela qual se liga esta à vida interior. Deste modo, a ação recíproca de ambas mantém a arder a chama da vida, e a falta de qualquer dessas atividades é causa de moléstia.

Há cinco corpos, através dos quais a alma experimenta a vida; o corpo físico sendo o mais pobre de todos, porque nasce da matéria, se alimenta de matéria, é atraído pela matéria, encontra sua vida na matéria, e tem de voltar para a matéria. Visto que ele pede matéria para seu sustento, assim a matéria o reclama afinal; este reclamo se chama enfermidade, ou morte, quando perde este corpo a sua força, o que é causa-

do pela perda de energia dos nervos, os quais, por assim dizer, impulsionam juntos, e mantêm a carne, os ossos, o sangue, e a pele, não sómente intactos, mas também ativos e vigorosos.

A fraqueza destes nervos, por esgotamento, ou por falta de alimentação, por falta de repouso, ou por perda de energia, de qualquer modo que seja, é a causa de toda moléstia.

Conseqüentemente, curar pode-se chamar, por outras palavras, dar vida àquela parte que precisa de vida, ou ao corpo como um todo.

O materialista acredita que uma pessoa, posto que fraca, possa ser salva e voltar à vida, injetando-se-lhe no corpo o sangue de outra. Si isso pode ser um remédio eficaz, muito mais a força do pensamento, da vida, a qual tem mais força do que a matéria, poderá produzir vida noutra pessoa. E até a fina essência do corpo físico pode ser passada através de gases, pelo processo da terra elevando-se para a água, a água para o fogo, o fogo para o ar, o ar para o eter, e mandando os mais finos átomos da energia física, e vibrações fortalecedoras de energia mental, para uma pessoa, que disso necessita.

A diferença entre a medicina e a cura é a seguinte: em vez de expedir uma coisa por

um trem de estrada de ferro, mandá-la através do céu por um aeroplano.

A questão: "Vale a pena enfraquecer-se, a si mesmo, dando a outrem parte da própria vida?" pode responder-se: sem dúvida, não é coisa para uma pessoa pobre fazer, dar seu último vintem a outrem, que esteja a morrer de fome; para um homem rico, porém, outra coisa não há que fazer sinão usar de sua riqueza para o conforto e felicidade dos necessitados. O curador espiritual está rico da energia divina, e sua força não será diminuída si ele a gastar. A cura material, portanto, é um fracasso. Embora possa parecer bem sucedida, é destituída de força, em comparação com a cura espiritual, porque o curador espiritual tem de seu lado o poder de Deus.

VI

O DESENVOLVIMENTO DA FORÇA NAS PONTAS DOS DEDOS

A forma humana pode ser chamada a luz materializada, o símbolo da qual, no misticismo, é a estrela de cinco pontas, que dá a idéia das cinco pontas formadas pelas nossas cabeças, braços e pés. O natural da luz é expandir seus

raios, e a forma humana é feita de luz, sómente; as mãos e os pés, os dedos das mãos e os dos pés, os órgãos dos sentidos e o cabelo, tudo representa raios. O conhecimento desta luz é que se vê no costume do povo oriental, de abençoar com as pontas dos dedos sobre a cabeça, e no costume de beijar a mão, ou tocar nos pés, porque os dedos das mãos e dos pés são a fonte da radiação.

O curador, portanto, desenvolve a força das pontas dos dedos. Assim como, dirigindo a respiração numa certa direção do corpo e da boca, uma pessoa pode produzir uma certa afinação numa certa nota, também, dirigindo a energia através das pontas dos dedos, e desenvolvendo a força magnética das pontas dos dedos, se desenvolve a força curativa.

E' sabido que Moisés possuía uma luz na palma da mão, a que os poetas chamam *Yadibaiza* (Baiza significa ovo, a forma de um ovo na palma); e Zoroastro é pintado sempre com fogo aceso nas mãos. São duas sugestões da radiação, da bateria, que pode ser desenvolvida nas mãos humanas. Quando se desenvolve a força na palma das mãos, escorre ela pelas pontas dos dedos e é impelida para fora, quando

dirigida pela vontade. Então, por passes magnéticos, e pelo toque na parte doente, o curador está apto para curar moléstias.

VII

A FORÇA DA PRESENÇA

Deve ser compreendido pelo curador que a sua só presença deve emitir força curativa, e para isso fazer deve o curador ter uma vida, uma força, um magnetismo superabundantes.

Em primeiro lugar, deve estar o corpo com saúde, limpo, e puro, afim de que possa o magnetismo ser benéfico; a pureza da mente é também necessária, junto com a simpatia em relação ao doente, e um desejo de curá-lo, em vez de aproveitar-se da sua cura. A alma fala mais das vezes na forma da atmosfera; por outras palavras, a atmosfera conta o que a alma diz. O desenvolvimento da alma faz-se por um processo espiritual e uma vida espiritual. Por conseguinte, o desenvolvimento da mente, do corpo e da alma é necessário para possuir-se uma força e uma presença curativas.

VIII

O PODER DA MENTE

A força da concentração é a primeira coisa necessária para desenvolver a força curativa. O curador deve ser capaz de apoderar-se do pensamento de curar seu doente, com firmeza, a qualquer tempo que ele o solicite. A concentração é a coisa mais difícil, e, si esta se efetua, não há nada que não se possa efetuar. E' inutil experimentar e curar o doente por qualquer processo, embora possa ele ser eficaz e bom, si não houver força alguma de concentração.

O trabalho da mente na cura é muito mais importante do que outra qualquer coisa; porque é usar a força mental sobre a matéria, e a matéria, que tem sido, séculos e séculos, uma serva desobediente do espírito, através do reino mineral e do reino vegetal, e até através do reino animal, sempre se rebela contra o ser controlado.

A mente, sem dúvida, pode controlar a matéria e fazer dela o que quiser; mas, quando a mente é enfraquecida por servir a matéria, perde, por assim dizer, a força sobre a matéria. Si assim não fosse, curar-se-ia cada ho-

mem, a si mesmo, controlando a matéria, não havendo necessidade alguma de um curador.

A força da própria pessoa tem sobre ela uma influência maior do que a força de outrem; além disto, ninguém pode sentir tanta simpatia quanto pode a pessoa sentir para consigo mesmo. O natural da mente é escapar-se quando tentamos apanhá-la. A concentração é o processo que habilita a mente, e fortalece os seus dedos, para apossar-se rapidamente daquilo de que ela pode apossar-se.

Outro segredo da mente é que até com a força de concentração a mente não se apodera de coisa alguma que não seja interessante, e a simpatia na mente é como um estímulo para a força apreensiva da mente. Portanto ninguém pode obter sucesso como curador sem que a sua simpatia siga na frente com suas mãos estendidas para sobrelevar o paciente do seu sofrimento.

IX

A FORÇA DE CONCENTRAÇÃO

E' necessário que, antes de uma pessoa emprender a cura de outra, desenvolva em si a

força de concentração. A concentração de um curador há de ser tão desenvolvida que, não sómente quando se assentar em meditação, e fechando os olhos, possa visualizar o objeto desejado, mas até com os olhos abertos, possa apreender rapidamente o quadro, que a mente lhe tenha creado contra todas as coisas estacionadas deante dos seus olhos.

Na cura, é necessário conhecer qual o quadro, que a pessoa tem deante da mente. Si acontecer que o curador apreenda o quadro de uma ferida, terá ajudado a ferida a continuar, em vez de sarar; e assim, si ele pensou numa dor, talvez possa esta continuar mais intensamente pelo auxílio do seu pensamento. E' a cura o que ele há de ter em mente; é a coisa desejada aquilo, em que deve ele pensar, não na condição.

Em todas as coisas na vida, esta regra deve ser considerada; que até no embaraço a pessoa não deve pensar no embaraço, e quando enfermo deve esquecer a enfermidade. O homem às vezes continua as misérias da vida pondo nelas o pensamento. O curador deve, do princípio ao fim, manter o pensamento de cura, e de nada mais.

X

A TRANSMISSÃO DA FORÇA
A DISTANCIA

O maior desenvolvimento em força curativa é ser apto para transmitir a força a distância. Nem terra nem mar pode obstar a força expedida pela mente. As descobertas científicas, tais como a telegrafia sem fio, provam que, por meio de objetos, pensamentos podem ser transmitidos a distância; mas o místico sempre compreendeu e praticou, até um grau elevado, a transmissão do pensamento a distância.

Como toda a idéia de um místico é servir a humanidade pelo amor e bondade, ele, naturalmente, não se sente inclinado a provar ao mundo a grandeza de sua força, ou utilizar sua força em qualquer coisa mundana, exceto em curar.

A verdade dos metafísicos hindús, que dizem "Nada Brahma", significando Deus Integro, explica o mistério da vida, afirmando que íntegro compreende movimento e, portanto, nada ocupa um lugar si não é movido por alguma força atrás de si. Assim como, para a ação externa, um movimento físico é necessário, assim também, para uma ação mental, o movimento deve ser causado pela mente da pessoa.

Assim como a voz de uma pessoa pode chegar ao outro canto da sala, e a voz de uma outra pode chegar à outra extremidade da rua, assim também, acontece com a força mental. Assim como é necessário desenvolver a força da voz pela prática, assim também é necessário desenvolver e praticar a força mental. Deve-se lembrar que o dom, em todo caso, é necessário. Uma pessoa dotada pode progredir muito mais rapidamente comparada com uma pessoa sem dom.

Há três coisas necessárias para a transmissão do pensamento a distância: — primeira, fé na teoria; segunda, confiança em si mesmo, significando confiança na própria força; em terceiro lugar, a força de concentração. Embora seja grande, a força de concentração, de nada serve sem confiança em si mesmo; e a confiança em si mesmo, sem fé na teoria, é impotente.

Curar a distância é o último estágio, a que chega um curador depois da experiência de longo tempo no tratamento, e fracassará a tentativa de quem quer que tente isso ao começo. O Trabalho dá experiência, e a experiência dá confiança; e a fé torna-se firme quando é construída pela experiência e fortalecida pela confiança.

4) A APLICAÇÃO DA FORÇA CURATIVA

I

A CURA POR AMULETOS

Há uma grande força oculta no mistério da repetição de uma palavra sagrada, mas há uma força maior no escrever uma palavra sagrada; porque o tempo gasto para escrever uma palavra sagrada cuidadosamente é talvez cinco vezes mais longo do que o tempo gasto no repetir uma palavra sagrada. Além disso, a ação completa a força do pensamento melhor do que o falar. No escrever um nome sagrado está a perfeição do pensamento, que tem ainda maior força do que a emissão da palavra. Quando, porém, uma pessoa pensa, sente, fala, e escreve, tem desenvolvido o pensamento através de quatro estágios, e tem-no feito mais poderoso. Os Sufis dão, portanto, um amuleto ao fiel, que eles pensam acreditar na força curativa do amule-

to. Eles o denominam Tavis. O doente conserva-o consigo noite e dia, e liga o seu pensamento com o pensamento do curador, e sente a cada momento que está sendo curado. Na India, eles põem um amuleto numa bandeja de prata ou de ouro, ou mantêm um amuleto gravado sobre uma pedra ou metal; e o mero fato de imaginar que possui alguma coisa em forma de amuleto, que tem uma influência sobre ele, torna-se uma tal ajuda para o crente que este sente que, a todo momento do dia e da noite, tem o curador consigo, e que está sendo curado. O benefício nada é sem o doador, assim o amuleto nada é sem a personalidade que dá a confiança ao doente. Por conseguinte, um amuleto escrito por uma pessoa ordinária não tem efeito; a personalidade da pessoa que escreve o amuleto deve ser impressionante, sua religiosidade, sua espiritualidade, seu amor, sua gentileza, tudo tem de ajudar o amuleto, que ela dá, para fazê-lo valioso e efetivo.

II

A AGUA MAGNETIZADA

A água é a substância mais receptiva, que partilha a côr e o efeito de todas as coisas. O

magnetismo, que escorre pelas pontas dos dedos entra em tudo que um curador sustenta em suas mãos, e assim a água é carregada com aquela eletricidade mais do que qualquer outra substância. Ainda, o sôpro que cura é bastante poderoso para produzir e adicionar vida em todas as substâncias do ar de vida. A água, especialmente, que é a substância mais revigorante, participa da vida, que tem a respiração.

Entre os antigos hindús, havia um costume de dar água como uma benção aos hóspedes, o que ainda agora é observado. Um Brahmane, em regra, oferecerá primeiro ao seu hóspede água; o que não sómente significa estancar a sede, mas também é como a vida oferecida ao hóspede. Os persas chamaram à água da vida *Abi Hayat*, e esta palavra se encontra em muitos versos. O sacramento da Igreja Católica também tem atrás de si este segredo. É a força curativa, ou a vida, que se supõe ter o padre por sua divina contemplação. Ele reparte-a com os outros através da substância, o pão ou o vinho, de que está de posse. Entre os Sufis, em toda parte no Oriente, há um costume, segundo o qual o Shaik oferece um bôlo, ou pão, ou um copo d'agua, leite, xarope, ou leite desnatado, uma fruta, ou algum dôce, que é aceito como alguma coisa que cura tanto a mente

como o corpo. Sem dúvida, não é isto sómente o efeito da respiração ou do toque, isso tem a força mental consigo, a qual se acha oculta, à semilhança de uma alma, na substância, que é o seu corpo.

III

A CURA PELA RESPIRAÇÃO

Um curador deve saber em primeiro logar que a respiração é a própria vida, que a respiração é que nos dá a vida, e que a respiração é a portadora da vida. A pessoa pode viver, por algum tempo, sem alimento, mas ninguém pode viver sem respirar, mesmo durante apenas minutos. Isto mostra que o sustento pela respiração trazido à vida humana é muito maior e muito mais importante do que outra qualquer nutrição, aqui na terra. Cada átomo do corpo humano é radiante, mas, si o corpo é a chama, a respiração é o fogo, e, como a chama pertence ao fogo, assim pertence o corpo à respiração. Enquanto a respiração nele reside, ele vive, e, quando a respiração o deixa, ele está morto, com toda a sua beleza, força e complicado mecanismo. Por conseguinte, o efeito da respiração de uma pessoa santa pode magnetizar a

água, o pão, o leite ou o vinho, a fruta ou a flor.

A respiração, que se desenvolver espiritualmente, terá um efeito curativo sobre qualquer parte do doente, sobre a qual se lance. Si a gente souber como dirigir a respiração, não haverá melhor processo do que a cura pela respiração, e, em todos os diferentes métodos de cura, vem a respiração como a principal coisa, pois que na respiração está oculta a corrente da vida.

IV

A CURA POR MEIO DE PASSES MAGNETICOS

Todas as escrituras têm, de um ou doutro modo, explicado que a vida é como a luz. Na Escritura dos Mussulmanos a palavra "nur" é usada, no Vedanta, ou Livro dos Vedas, é chamada Chaitannya. O natural dessa luz é expressar-se numa particular direção, e isto tem importância para a face e o verso, em nossas formas. Ao mesmo tempo, a tendência da luz é espalhar-se. Pode-se ver isso na tendência do fogo para espalhar-se, da água também; o ar

mostra a mesma tendência, a terra e todas as coisas sobre a terra mostram a mesma tendência. Um profundo estudo de cada forma mostrará a natureza da vida para espalhar-se em quatro direções, que fazem norte, sul, este e oeste, e formam cabeça, pé, direita e esquerda.

A vida e a luz têm seu centro no centro de cada forma; tomam, porém, sua expressão pelas direções, em que se espalham. Portanto, a força da mão foi relatada na antiga simbologia. Os hindús pintaram as quatro mãos das Incarnações Divinas; quer isto dizer duas mãos da mente e duas mãos do corpo. Quando as quatro mãos trabalham, o trabalho é inteiramente executado. Na cura, portanto, as mãos físicas são precisas para ajudarem as mãos da mente. E, quando o pensamento se dirige da mente através da mão, sua força é duplicada, e sua expressão se torna mais íntegra.

Cada átomo do ser humano, mental ou físico, é radiante, e lança para fora seus raios; ele mesmo é a vida, e dá vida. Toda moléstia, e cada espécie de moléstia é, por assim dizer, falta de vida; e preciso é que se lhe dê vida.

A força da eletricidade foi descoberta pelo cientista, e ele acredita que ela cura doença, quando usada para esse fim. O místico descobriu, séculos atrás, a força desta eletricidade

oculta, a vida mental, e a vida do corpo, e acredita e sabe que sua aplicação na cura é a mais benéfica. Há inflamações, feridas, partes doridas, que se acham demasiado sensíveis para serem tocadas. Em tais casos, felizes resultados traz a cura por meio de passes magnéticos, por outras palavras, passando-se as mãos sobre a parte afetada, permitindo-se assim que o pensamento cure.

V

A CURA PELO TOQUE

Cada átomo no corpo do homem é, na realidade, radiante de vida, e forte, comparado com outros objetos, ervas ou drogas. Pelo mesmo fato de ser um corpo vivo, além disto, o mais fino e mais perfeito, comparado com outros corpos vivos, tem ele uma grande força. A par disso, o aperto de mãos, o falar a uma pessoa, e tocá-la, tem um certo efeito. Na Índia, quando um lutador vae para um *matche* de luta, e quando volta, seu treinador lhe dá palmadas nas costas, dizendo: "Shabaz", "Bravo"! De fato, isso lhe acrescenta energia, coragem e força, que, de outra forma, ele não teria tido. Pessoas que falam amigavelmente, mesmo disputando e

arguindo, tomam-se as mãos, um do outro, o que faz chegar a um melhor entendimento. A mãe faz desaparecer num momento o desconforto e a inquietação da criança, dando-lhe palmadinhas. A massagem, portanto, produz algum efeito, quando há dor, entretanto é um mau tratamento quando comparado com o tratamento curativo; pois que o curador emprega a força mental através dos seus dedos, como um músico produz seus sentimentos no violino. Pode todo mundo produzir no violino o mesmo som que um perito? Não é sómente o colocar o dedo sobre certo logar no instrumento, é o sentimento do coração do musicista, que se está manifestando através das pontas dos dedos, que produz um som vivo. Assim é com o toque de um curador espiritual.

VI

A CURA PELO OLHAR

Os olhos são o mais admiravel e forte fator no corpo, que leva a outrem prazer ou desprazer, alegria ou tristeza, amor ou repugnância, sem que uma palavra seja pronunciada. Isto mostra que os olhos são o instrumento mais sensitivo para a mente expressar o pensamento e o

sentimento. Às vezes numa assembléia duas pessoas olham uma para a outra e, justo, se dá um entendimento entre elas, e duas pessoas podem mirar-se uma à outra, o que pode ter um efeito peor do que trocando-se pontapés; o que ainda prova que o fogo e a água, ambos podem manifestar-se, ou para destruir ou para inspirar.

Para um curador, portanto, não há meio melhor do que os olhos para transmitir seu pensamento de cura; e não há meio melhor de receber este pensamento, no paciente, do que os seus olhos. O curador pode transmitir a força curativa através dos seus lances de vista soore a parte doente do corpo; mais eficiente, porém, é que ele transmita sua força diretamente aos olhos do paciente.

Assim como há uma conexão entre a mente e os olhos do curador, que expede a força, assim também há uma conexão entre os olhos e a mente do paciente, que a recebe. O remédio pode tocar o corpo físico, mas o pensamento pode tocar a mente, onde às vezes está a raiz de toda moléstia; e a sugestão que dá um forte curador a seu doente alcança o seu coração e destroe o germen da moléstia.

Os olhos de toda pessoa não são capazes de curar. O que é necessário é o penetrante golpe

de vista e a fixidez dos olhos, depois a força do olhar e a habilidade na mira. Estas coisas se desenvolvem com uns certos exercícios. Alguns olhos são naturalmente capazes para este objetivo. A par disso, é necessária para a cura a concentração da mente, que dá a força, porque a força mental dirigida pelo olhar traz um feliz resultado.

VII

A CURA POR SUGESTÃO

Cinco são os elementos que constituem o ser humano: terra, água, fogo, ar e éter. O ar representa a voz, e alcança o éter, o que vale dizer que a voz alcança mais longe do que outra qualquer coisa no mundo. Ela toca as profundezas do coração humano. A música, portanto, é um milagre vivo. Não há nada que penetre o ser humano em todas as direções como pode fazê-lo o som. Isto explica porque a sugestão é muito maior e mais benéfica na cura do que nenhum outro remédio.

Na Índia, onde a vida quotidiana do povo se baseia nas leis psíquicas, se toma grande cui-

dado em falar a outrem, para que não lhe cause um mau efeito sobre o seu próprio físico, mental, ou espiritual.

Um curador, que desenvolve, pelo poder de Zikar, a força curativa da sua voz, imprime sua palavra com a força do seu coração (sentimento) no coração do enfermo.

O curador deve ser sincero no sugestionar, porque toda a força reside na sua sinceridade; deve também ser confiante em si mesmo; deve ter em si força psíquica desenvolvida; mas, além e acima de tudo, deve ser um bom homem, para que, na ocasião, não lhe chegue nenhum pensamento de humilhação, ou desconforto de qualquer espécie. Seus pensamentos, sentimentos e ações têm de satisfazer à sua consciência; si não, algum desconforto, insatisfação, temor, arrependimento, debilita sua força. Então, ele não mais é capaz de curar, seja embora instruído e forte.

Quando o curador pensa que está curando, sua força é pequena como uma gota; quando pensa que Deus está curando, e quando esquece no seu pensamento o próprio eu, e está consciente do próprio Deus, então, se torna sua força tão grande como o oceano.

VIII

A CURA PELA PRESENÇA

Há calor no fogo, e há um calor maior no sentimento. A presença de uma pessoa com ardorosos sentimentos pode crear uma atmosfera de calor, e a presença de uma de coração frio pode gelar-nos.

Sem dúvida, o calor do coração não é a qualidade única, de que precisa o curador; ele deve ter a força para curar, além da concentração e de um desejo de curar; mas, ao mesmo tempo, aí está o nome Christo, que é conhecido como o de Messias. *Messiah*, no Oriente, significa o que cura, e para um Messias a força do amor é a primeira qualidade, amor em forma de simpatia,

Uma pessoa simpatiza com outra, pensando: "Ele é meu parente", "amigo", ou "conhecido", talvez, mas quando a simpatia se desenvolve ao mais perfeito grau, a pessoa começa a ver em todo mundo: "Eu", "eu mesmo", e o sofrimento de todo mundo, ela começa a senti-lo como seu próprio sofrimento. Isto é o sinal do verdadeiro Messias. Como pode ela curar as feridas dos corações das crianças da terra, e livrá-las de sofrimentos e dôres, uma vez que a

vida está cheia deles, si a sua simpatia não se despertou a tal grau que essa pessoa sinta a dôr de uma outra mesmo antes de sentir a sua própria dôr?

Todo curador, que tenha uma aspiração espiritual, deve desenvolver a centelha do fogo existente no coração do Messias; e então, mesmo antes de tentar a cura de uma pessoa, a sua mera presença curará.

Quando um menino está doente, a mãe chega perto com o desejo de que ele passe bem, e com uma dôr no coração pelo sofrimento do seu filho. Desde esse momento, ela se torna uma curadora, seu toque, sua palavra, seu olhar, fazem mais do que a medicina, ou qualquer outro remédio.

Quando esta qualidade maternal está desenvolvida no coração do curador, então, quando não trata ele de recompensa alguma, exceto da ventura de ver uma alma aliviada de sofrimento, se torna um curador que pode curar simplesmente pela sua presença.

IX

A CURA PELA ORAÇÃO

A oração é um meio maravilhoso de curar-se, a si mesmo, e a outrem, porque a concen-

tração sómente, sem o pensamento em Deus, não tem força; é o Ideal Divino, que fortalece a força curativa, e que lhe dá um espírito vivo. Um curador espiritual, portanto, tem mais esperança de sucesso do que um curador material. Porque o curador material dirige seu próprio pensamento; embora possa ele ser forte, é limitado pela sua própria personalidade; mas o curador espiritual, que se esquece de si mesmo no pensamento de Deus e Seu Poder Divino, tem muito maior sucesso do que aquele. Não importa qual a forma que a pessoa toma na oração; a oração sincera de toda forma trará frutífero resultado. A oração, verdadeiramente falando, é a contemplação da Presença de Deus, O Qual é o Poder e a Origem de toda a criação, e considerando-nos como nada perante Ele, e colocando o desejo, que se apresenta deante de nossa personalidade perante o Todo Poderoso. Naturalmente, portanto, o resultado deve ser incomparavelmente maior, posto que dependente da contemplação de cada indivíduo.

Em primeiro lugar, aquele que ora pela cura de outrem deve ser com certeza abençoado, porque a boa vontade e o amor, dos quais brota a sua oração, necessariamente importam para ele uma benção. A prece, também, pela própria cura da pessoa não é egoística, é fazer

de si mesmo um instrumento adequado para ser mais útil no esquema da vida. Por outro lado, negligenciar sobre a própria saúde é muitas vezes um crime.

Orar a Deus em pensamento é talvez melhor do que falando, mas devemos lembrar que o falar faz a prece concreta; e portanto o pensamento com a palavra faz a oração mais efetiva do que o pensamento só. Palavras sem pensamento são vãs repetições.

X

A CURA DO AUSENTE

Quando o curador tem praticado a cura durante um certo tempo, com sucesso, então, o passo a seguir na linha da cura é curar o doente a distância. O método de curar o ausente é de todo diferente da cura em presença. Na cura do ausente apenas a força do pensamento é necessária, e os que estão acostumados a usar o magnetismo pelas pontas dos dedos, pelos olhos, pelo tacto, acham difícil dirigir sua força de pensamento sem veículo externo. Quando, também, o enfermo não está presente, em primeiro lugar vem ao principiante a idéia si a sua força do pensamento chegará até o paciente, e depois

é difícil manter no pensamento de uma pessoa um enfermo que não está presente.

A posse daquela qualidade a que os hindús chamam *Fikar* auxilia o curador a manter deante da sua mente o pensamento do enfermo, e o *Fikar* é que ajuda a curar um doente a distância. A respiração, por assim dizer, é uma corrente elétrica, a qual pode ser ligada em qualquer parte; a distância não faz diferença. Uma corrente de respiração assim estabelecida põe as ondas etéreas em movimento no espaço, é, de acôrdo com a força magnética do curador, o espaço entre o curador e o doente fica ocupado por uma corrente contínua de força curativa. Sem dúvida, a evolução espiritual é a primeira coisa necessária; sem isto, a força mental do curador, embora forte, é demasiado fraca para o objetivo.

Entende-se por desenvolvimento espiritual a consciência de Deus. Há crente em Deus, a quem podemos chamar pio, mas é o conciente de Deus que se torna espiritual. E' a crença e a exata compreensão de que "eu não existo, porém Deus", que ao curador dá força para curar a distância; é também esta compreensão, que lhe dá a crença de que seu pensamento pode alcançar a qualquer distância, porque o conhecimento do Deus Onipresente lhe dá o conheci-

mento de que o Absoluto é vida em si mesmo, e até o espaço, que nada significa para o comum das pessoas, é tudo; na realidade, a verdadeira vida de todas as coisas.

SECÇÃO II

OS MODOS DA CURA

I

A CURA

Conciente ou inconcientemente, cada ser é capaz de curar-se a si mesmo, ou a outrem. Este instinto é inato nos insetos, pássaros, e quadrúpedes, tão bem como no homem. Todos eles acham seu próprio remédio, e curam a si mesmos, e uns aos outros, de vários modos.

Nos tempos antigos, os doutores e curadores aprendiam muito com os animais, no tratamento de moléstia. Isto mostra que a intuição natural tem se manifestado nos seres inferiores, tão bem como nos superiores.

Os cientistas de hoje não devem, portanto, proclamar com orgulho que são eles os inventores dos remédios químicos, mas devem inclinar a cabeça humildemente, em oração, vendo cada átomo deste universo, conciente de sua moléstia, procura para si, dentro ou fora de si mesmo, um meio de restabelecer-se. Por outras palavras, os remédios não foram descobertos por

médicos, mas intuitivamente achados na criação, como apareceu, deles, a necessidade.

O excesso de remédios artificiais do homem tem tido o efeito de aumentar a moléstia. E' isso tambem devido principalmente aos modernos meios de vida, artificiais, tão diferentes do viver natural dos antigos, o qual é hoje ridicularizado pela chamada civilização. Hoje, o luxo e as necessidades da vida são obtidos com sacrificio da verdadeira saúde, e do conforto. A cura sem drogas e remédios é a coisa mais natural, posto que não seja aconselhavel a negligência absoluta dos mesmos. Há casos, em que os instrumentos cirúrgicos são tambem permissiveis, mas sómente quando absolutamente necessários. Si os cavalos podem mover os vagões, porque usar máquinas? Da mesma forma, si uma doença pode ser curada com um simples remédio, não se deve desperdiçar a força mental, porque pode ser usada em caso mais sério. Si toda moléstia houvesse de ser curada mentalmente, porque, então, se teriam creado as drogas e hervas?

Por outro lado, as moléstias, que mais facilmente cedem ao tratamento mental, não deveriam ser deixadas inteiramente aos remédios materiais, porque, primeiro, deve ser curada sua raiz.

Muitos doentes se restabelecem temporariamente com o auxilio de remédio, e tornam a ficar mal; em tais casos, a cura se faz especialmente necessária.

E' muito deploravel que trabalho tão importante como a cura tenha sido, nos tempos que correm, empreendido por pessoas, em muitos casos, da mentalidade mais material, e que não compreendem a psicologia da arte de curar, dela fazendo uma profissão, e assim trazendo-lhe descrédito.

A auto-cura é mais desejavel do que a cura por outrem; no primeiro caso, a vontade se fortalece, e no segundo, ela se enfraquece.

Muitas pessoas pensam que sómente a força hipnótica e psíquica pode curar; mas não imaginam como deve o curador primeiro curar-se a si mesmo pela prática da mais estrita moralidade, a começar da mais baixa até a mais alta fase da sua existência. Deve ele purificar-se pelo *Iman*, ou confiança. Só então, pode entitular-se um curador.

Há cinco espécies de moléstias causadas por várias desordens nos diferentes planos da existência. Umas doenças no plano físico são contraídas de fora, enquanto outras surgem do

interior. Há diversas causas supostas, mas, na realidade, a verdadeira causa de moléstia é a fraqueza; enquanto que a causa da saúde é a força. Com isto não se quer dizer fraqueza ou forças físicas sómente, mas força e fraqueza em todos os planos da existência.

A atividade causa aquilo a que chamamos vida, enquanto que o reverso traz a morte; a primeira causa circulação, e a segunda, congestão. A circulação dá saúde, enquanto que a congestão causa moléstia.

Os cientistas de hoje estão empregando, como si fosse uma descoberta relativamente nova, o tratamento elétrico, e apresenta-se o mesmo como o mais benéfico de todos os remédios. A cura também é tratamento elétrico, e tem sido empregado, pelos séculos a fora, em toda extensão dos diferentes planos da vida.

Todo ser tem um dom natural de curar, num maior ou menor grau, mas esse dom há de ser desenvolvido. As faculdades físicas e mentais hão de ser abertas de tal modo que as vibrações elétricas sejam, sobre os vários planos da existência, aptas a operar. As vibrações físicas dependem da pureza e energia do corpo, e podem ser projetadas através das partes mais finas do corpo, como as palmas das mãos, as

pontas dos dedos, as solas dos pés, a face, a fronte, o ouvido, os lábios, o nariz e os olhos. As mais finas de todas elas são os olhos; são estes muito mais úteis do que todos os outros órgãos, porque através dos olhos é que os raios elétricos podem ser emitidos. O nariz também tem uma parte importante a desempenhar, si não o próprio canal da respiração. Os ouvidos podem operar quando o curador está espiritualmente adeantado, e as vibrações podem passar também através das pontas digitais. O costume oriental de lançar os olhos sobre as santas mãos, ou pés, do sábio é, não sómente expressiva de humildade, mas também tem uma significação ainda maior. Significa o tratamento pelas santas mãos, ou pés, que iluminam o devoto. Os sábios, que abençoam estas almas aspirantes, colocando as mãos sobre a cabeça, inspiram-nas pela transmissão dos raios de sua força através das pontas digitais. Beijando as mãos, ou os pés, das Pessoas Santas, os orientais visam o mesmo objetivo. Da mesma forma, a carícia da mão cura o filho de todas as suas dôres, e acalma-o para dormir. Dá-se a outrem coragem e consolação colocando-se as mãos sobre os seus ombros; a vibração neste ato dá uma vida nova, e coragem.

II

A CURA FISICA

Um doente só pode ser curado si tiver bastante fé na força curativa, e confiança no curador. No caso de auto-cura, a confiança em si mesmo, a força de respiração e concentração, — eis o mais necessário.

Diz uma história bem conhecida que Shams Tabriz, o Shiva da Pérsia, foi uma vez solicitado muito respeitosamente pelos ministros do dia para acordar o Príncipe Real, do seu último, prolongado sono. O Shah, seu pai, baixou um decreto neste sentido — si alguma verdade jamais houve em religião, seu único filho deveria ser restituído à vida pela oração, do contrário todas as mesquitas seriam destruídas e os *mulhahs*, passados a espada. Afim de salvar muitas vidas, Shams Tabriz conformou-se com a exigência, e procurou o cadaver do Príncipe. Primeiro, disse ao corpo do Príncipe: “Kum-ba-Ismi-Allah”, “acorda ao Chamado de Deus”. O cadáver não se moveu. Ele, então, na magia do êxtase, exclamou: “Kum-ba-Ism”, “Acorda por minha ordem”. A esta sugestão, o Príncipe imediatamente se levantou. A história prossegue contando que esta ordem abrupta, posto que

restituisse o Príncipe à vida, trouxe o peso dos direitos de Deus contra Shams Tabriz, e, de acôrdo com a lei religiosa, foi ele condenado a ser esfolado vivo. Submeteu-se a esta punição, afim de conservar intacta a religião, como o único meio de elevar a multidão. Compreendemos, por isto, que Shams Trabiz, na primeira sugestão ao morto, falou convencionalmente, fazendo uso de Deus como terceira pessoa, o que não teve o mais leve efeito sobre o cadáver; mas, na sua segunda ordem, abstraiu da sua consciência a sua individualidade, e sentiu-se como si fosse o Ser Integro de Deus.

Este conto faz claro que o curador deve ser confiante em sua unificação (*at-one-ment*) com Deus, e, durante o tempo da cura, deve sentir, com a maior segurança, a força do Todo Poderoso, operando através da sua pessoa, perdendo assim, absolutamente, a idéia do seu egoismo individual.

A elétrica bateria, que produz a cura, é de três modos carregada:

1. Controlando-se a respiração.
2. Reforçando-se a vontade.
3. Absorvendo-se a electricidade terráquea.

Afim de fazer uso da bateria curativa, o mais essencial é que os olhos tenham sido fei-

tos para operar como projetores da electricidade. Deve-se-lhes primeiro curar a nervosidade, esse constante estado de movimento, a que são adictos desde o berço. Os olhos naturalmente se enfraquecem e ficam fatigados, por se lhes permitir corresponderem a toda atração, que, de manhã à noite, chama a sua atenção. O curador, afim de fazer uso deles para curar, primeiramente os treina para ficarem firmes.

A electricidade pode ser absorvida tocando-se com os dedos as mais finas vibrações, no espaço; e pode ser descarregada pela mesma forma, passando-se lentamente as pontas dos dedos no espaço por cima da parte afetada do corpo do paciente. Às vezes, passar os dedos mais perto do corpo, e às vezes tocar levemente a parte afetada, é vantajoso. Depende isso da intensidade do mal sofrido pelo doente, e da soma de electricidade requerida.

E' muito necessário, cada vez que os dedos tenham passado sobre a parte afetada sejam sacudidos para dispersar os venenos ali coletados; por outras palavras, os germens coletados sobre os dedos devem ser lançados fóra. E' aconselhavel agitar os dedos sobre um fogo para que os germens não possam ficar sobre o chão, e tambem ter no quarto incenso a queimar. Alguns curadores, afim de protegerem os dedos,

fazem uso de penas de pavão, que varrem fora todos esses germens.

O curador pode atestar sua força curativa sentindo a corrente eléctrica fluir pelos dedos enquanto os agita. Um curador, mesmo quando tocar um instrumento, pode curar os ouvintes com a sua música. Si um curador oferece com hão vontade um presente, este conduz felicidade, e si escreve uma palavra, esta se torna um amuleto, um curador em si mesmo, capaz de curar o possuidor, e de preservá-lo da morte e desastre.

III

A CURA MENTAL

A cura mental é feita por sugestão. Em muitos casos os pais são os primeiros curadores, pois que eles conduzem seu pensamento para o filho, pelo franzir das sombrancelhas, ou pelo olhar para ele, fixamente. Até os animais podem ser treinados no mesmo sentido.

Muitas moléstias há, da mente humana, produzidas pelo auto-convencimento. Elas se desenvolvem inconcientemente, e são como o amor do elogio e da lisonja, a intolerância ao insulto, a irritabilidade, a infatuação, o ciume,

a raiva, a paixão e a voracidade, além da mania pelo álcool e pelas drogas. Afim de curar tais moléstias, o curador deve ter um grande controle sobre si mesmo, pois que os seus próprios deslises podem atrazar o doente.

O Santo Profeta foi uma vez solicitado por uma velha para falar ao seu filho, que despendia todo o seu salário, diariamente, em tâmaras, deixando-a sem vintem. O Profeta prometeu fazê-lo depois de um intervalo de cinco semanas. No dia marcado, trouxeram o rapaz à presença do Profeta, que lhe falou muito gentilmente, dizendo: "Você é um moço tão sensível que deve lembrar-se ter sua mãe suportado muito sofrimento por sua causa, sacrificando todos os seus ganhos para creá-lo; e agora está tão velha, e você está em condições de sustentá-la, mas esbanja seu dinheiro em tâmaras. E' isto justo e direito? Espero, pela graça e mercê de Allah, que você abandonará esse hábito".

O rapaz ouviu muito atentamente, e tirou proveito do que ouviu.

Os discípulos do Profeta admiraram-se, e perguntaram porque tinha sido a reprovação adiada por trinta e cinco dias. O Santo Profeta explicou, dizendo: "Eu mesmo gosto muito de tâmaras, e senti como se não tivesse direito de aconselhar o rapaz que se abstinhasse delas,

até que eu mesmo me refreiasse de comê-las, durante cinco semanas".

O curador de caráter não deveria nunca, por um só momento, ensaiar a cura de outrem, de fraquezas, a que ele mesmo está sujeito.

IV

A CURA ESPIRITUAL

A cura espiritual é ainda mais elevada em sua natureza do que qualquer daquelas. Pode ser realizada, tanto por um só indivíduo, como por um grupo de pessoas. Neste caso, o coração do curador pode expedir ao longe seus sentimentos e vibrações, e, de acôrdo com a sua intensidade, o sujeito é curado. Na cura espiritual do ausente, o desejo espalha ao longe seus raios, e alcança o paciente, onde quer que seja possível, curando-o sem a presença do curador. A concentração de várias pessoas unidas em conjunto opera ainda mais admiravelmente.

A força do curador está na dependência do fervor do seu coração. Os devotos, pela sua força de concentração, pela sua pureza de vida, e pelo seu amor divino, tornam-se admiráveis curadores; cada lágrima e suspiro seus se tor-

na uma fonte de cura para eles mesmos, e para os que os cercam.

A devoção é o fogo, em que todas as enfermidades se consomem, e o devoto fica iluminado no interior de si mesmo; e o prazer do devoto e sua máguá, não podem ser, admissivelmente, comparados com nenhuma outra alegria na vida.

A cura espiritual não requer o olhar fixo, o toque dos dedos, ou a força da respiração, mas o Tavvajeh (uma espécie de golpe de vista), ou o Doa (um bom pensamento) do curador espiritual serve ao objetivo.

V

A CURA ABSTRATA

Na cura abstrata, a alma, o coração, e o corpo, se curam de todas as moléstias e fraquezas a eles relativas. Esta cura só é possível durante o êxtase do curador. As fortes vibrações psíquicas, percorrendo os poros do seu corpo, desde o seu íntimo, naturalmente penetram nos corpos, corações e almas de todos ao redor dele, que as recebem de acôrdo com sua força de receptividade.

Os *Murshids* têm frequentemente inspirado seus *mureeds* sem ler ou discutir, e tais *mureeds* têm alcançado a perfeição. E' um fenómeno admiravel que um *mureed* excepcional, de vez em quando, pode perceber sob a direção do seu Murshid, ou Guia Espiritual.

Conta-se uma história do Hafiz Shirazi, o qual, junto com dez outros Hafiz, estava sendo treinado sob o mesmo Murshid. Para sua meditação e outras práticas, era resesvado certo espaço de tempo, e certo espaço de tempo, para a alimentação e o sono. O Hafiz Shirazi, durante a noite, ficou acordado em extasiada contemplação de Allah. Depois de anos de paciente esperar, uma tarde o Murshid em êxtase chamou por Hafiz. O vigilante Hafiz foi o único que ouviu, e respondeu ao chamado, e foi abençoado pelo Murshid, que escolheu esta ocasião ideal para inspirar todos os *mureeds*. Cada vez que ele chamava por Hafiz o mesmo Hafiz respondia ao chamado, todos os outros estando a dormir. Recebeu assim o que velava uma benção onze vezes repetida, a sua e a dos outros dez, que perderam esta preciosa oportunidade, pelo seu sono. E o Hafiz tornou-se o maior curador espiritual do seu tempo, cada palavra do qual, daquele dia até hoje, tem sido poderosa para curar.

*Aqueles que desejarem especiais informes
sobre o Movimento Sufi fundado por Inayat
Khan podem se dirigir a*

Shabaz C. Best
Rua Julio Ottoni, 579
Santa Teresa
Rio de Janeiro

O livro brasileiro, bom e barato

ALGUMAS EDIÇÕES BRASÍLICAS

MATO GROSSO por Virgílio Corrêa Filho — Alentado vol. com ilustrações. Preço br. 10\$000.

VIDA por Mario Martins. Crônicas e estudos biográficos. Preço brochado 5\$000.

A PAZ PERPÉTUA, célebre obra de Emanuel Kant, tradução do prof. Rafael Benaion. Preço br. 3\$500.

O CAMINHO DA PAZ, pelo prof. João Cabral. Cartilha da atualidade. A esgotar-se o 3.º milheiro. Preço brochado 3\$000.

TONIO BORJA por Cordeiro de Andrade. Romance regional e psicológico.

IDADE MÉDIA, A CAVALARIA E AS CRUZADAS por Ivan Lins. O maior livro, no gênero, da atualidade. Quasi esgotado. Preço, brochado 20\$000.

O DUPLO de Otto Rank, 2.ª ed., trad. revista pelo prof. João Cabral. Preço brochado 5\$000.

A PRONÚNCIA BRASILEIRA pelo prof. Candido Jocá (filho). Curiosíssimo estudo de prosódia comparada. Preço br. 6\$000.

O HOMICÍDIO POR COMPAIXÃO por Eros de Moura. Premio do Inst. da Ord. dos Advogados Brasileiros. Preço br. 6\$000.

FORMAÇÃO DO CARÁTER, O OBJETIVO DA VIDA e A SAÚDE E SUA CONSERVAÇÃO, por Inayat Khan.

COOPERATIVAS ESCOLARES, por Fábio Luz Filho, 2.ª ed., muito melhorada, atualizada e com ilustrações. Preço, br. 10\$000.

A SAIR DOS PRELOS :

Outros números da coleção dos manuais de cultura moral (16) do sábio hindú Inayat Khan.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA
(Cooperativa)

R. Senado, 65 — Tel. 42-3112

RIO DE JANEIRO